

MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL
ABR 1944



Esta linda
rapariga
de olhos doces
e sentimentais
aparecerá
brevemente
num filme
português



A ELEGÂNCIA DUM SALTO FEMININO

AS MÃOS QUE VÊM

por Fernando Pessoa

UMA das grandes obras que na Gran-Bretanha se está a levar a cabo, é a forma como dentro de suas fronteiras, o Estado e as Instituições de Caridade olham pelo bem-estar e reeducação dos que um dia têm a desdita de perder a vista. O seu número é bastante elevado (cerca de 83.000, segundo uma estatística de Março de 1941); mas a todos se está procurando dar os devidos meios para que possam lutar pela vida, sem terem de recorrer ao humilhante esmolar dos velhos tempos em que amestrados cegos serviam talvez mais para chamar a atenção e comover o público do que propriamente para guiar os passos incertos do dono. Dos 83.000 cegos acima referidos, 41.000 contavam entre 16 e 65 anos de idade — os restantes, estavam aquém ou além de tais limites. E desses 41.000, apenas 9.000 estavam empregados, ocupando no comércio e nas indústrias lugares a que, por seu extraordinário tato, ouvido, ou poder de concentração, melhor se adaptavam do que os felizes possuidores dos cinco sentidos. Note-se que entre os restantes 32.000 contavam-se muitos a que se não pode chamar «desempregados» — uns, por disporem de meios de fortuna que os tornavam independentes; outros, e muitos eram eles, que nos lares trabalhavam duma forma ou doutra.

Mas o que é facto, é que, de dia para dia, graças ao entusiasmo com que todo o britânico procura dar a sua ajuda ao esforço de guerra e graças ao trabalho que constantemente se aperfeiçoa nos respectivos Institutos, os cegos vão ingressando em maior número nas fábricas e oficinas, repartições e escritórios que formam os departamentos da já tão grande máquina de guerra britânica. E a ajuda formidável que estão dando ao seu país será, depois, na paz como agora na guerra, uma prova irrefutável de que estava errado quem dantes chamava inválidos aos cegos.

A benemérita obra de reeducação de cegos — para que eles possam desempenhar profissões em que com vista se haviam especializado, ou para nelas descobrir aptidões para novas profissões — começou a avolumar-se depois da guerra passada e é já de grande vulto nesta hora. Um dos factores que para tal muito tem concorrido é o aproveitamento, como instructores nos vários Institutos, dos que no final da primeira guerra mundial, nêles foram reeducados, tornados válidos. E que eles, sabendo melhor do que ninguém as dificuldades que então tiveram de vencer, melhor podem orientar os que agora iniciam o treino — que eles já completaram há muito.

Não cabe neste artigo o explicar, ainda que por



Ajustando as pás de uma hélice

VINHO DO PÔRTO

“GRAHAM”

DA FIRMA

G. me & João Graham & C.^a

DE

VILA NOVA DE GAIA

Agente em Portugal e Colónias:

Guilherme Graham, Int. & C.^a

Rua dos Fanqueiros, 7 Rua dos Clérigos, 6
L I S B O A P Ô R T O
Tel. 20066/9 Tel. 880/1

(Continua na pág. 29)

REFLEXOS DO MUNDO

Churchill, mestre de língua

Churchill continua a ser um paladino entusiasta do inglês básico, que consiste no conhecimento de 850 palavras, as necessárias para se falar a língua de Shakespeare, até mesmo na própria Câmara dos Comuns.

Todos os pensamentos se podem exprimir, convenientemente, com essas centenas de palavras.

No dia seguinte, um jornal londrino comentava o facto de Churchill, numa linguagem admirável, que nada tinha de comum com a escassa vocabular, defender o inglês básico. De facto, a linguagem do Primeiro Ministro é de uma riqueza incomparável e a sua construção profundamente clássica.

A Austrália na guerra

O esforço de guerra da Austrália tem sido dos mais intensos, como se demonstra pelo número das estatísticas.



Sob a direcção firme e esclarecida de Curtin o grande domínio do Pacífico tinha em pé de guerra 450.000 homens quando o Japão provocou os Estados Unidos.

Esse número elevou-se para 860.000, o que significa que, de três homens, entre os 18 e os 40 anos, dois estão ao serviço das forças activas.

Se fizermos a comparação do número de habitantes da Austrália com a de outros países e aplicando as mesmas percentagens de homens em serviço, os Estados Unidos deviam ter um exército de 16.000.000 homens e a Grã-Bretanha, um de 5 milhões o que deve estar agora muito perto da realidade.

18.000 aviadores australianos prestam serviço no Reino Unido ou em outros teatros de guerra fora do Pacífico.

O que é um diplomata?

Contava o «Daily Telegraph» que, numa escola inglesa o professor pediu a definição

É este o soldado da segunda frente—símbolo da força libertadora que arrancará a Europa ao invasor nazi. Na sua energia, na sua coragem, na sua temeridade está a esperança de milhões de seres que aguardam a hora decisiva — a hora da liberdade e da paz

fronteira, uma tabuleta com as seguintes palavras: «Continua aberta».

Quando outra bomba caiu ali o edifício foi de novo danificado, mas resistiu, como que feito da mesma estrutura rija do carácter e da alma dos proprietários.

No dia seguinte, entre os montões de pedras, nova tabuleta aparecia na frente onde se lia: «Aberta mais do que nunca».

Foi com esta resistência e esta teimosia heroica que o povo inglês mudou a maré da guerra.

de diplomata a um aluno de 12 anos.

O aluno respondeu, muito conscienciosamente, entre outras coisas, que era «uma pessoa que cortava as relações com outra pessoa».

E o professor comentava no jornal, que isso de algum modo resumia a história de certa diplomacia nos últimos 20 anos.

Mais do que nunca

Durante um dos ataques aéreos a Londres, uma casa comercial sofreu alguns estragos.

Pouco tempo depois via-se, na

SEJA PRÁTICO E ECONÓMICO

Viaje na C. P.

Informações — em todas as estações de C. P. — em Lisboa: — no Serv. de Tráfego — Telefone 24031 — no Porto. — na estação de S. Bento — Telefone 1722



O tripulante de uma fortaleza voadora. Cada bomba pintada na sua combinação de voo é um objectivo destruído na Alemanha. É com este optimismo que as forças aéreas das Nações Unidas, em vagas cada vez mais poderosas, vão arrasando sistematicamente a indústria de guerra nazi



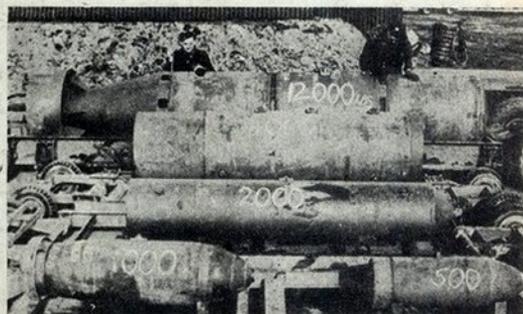
NEM O SABERÁ

sua tinteira. É a IMEDIA-ORÉAL que dá a V. Ex. a maior segurança, nunca lhe trará surpresas incómodas nem desastres. Ela é aplicada no mundo inteiro pelas melhores cabeleleiras.

IMEDIA-ORÉAL existe em 27 cores, aplica-se num quarto de hora e permite a permanente.

GRATIS — Por combinação especial com os representantes toda a leitora pode obter a brochura ilustrada «O Segredo da Felicidade» (edição portuguesa) bastando pedir directamente aos Agentes de L'Oréal — 88, Rua d' Assunção, — Lisboa.

Não mande dinheiro.



São estas bombas de alto poder explosivo que os bombardeiros britânicos lançam sobre a Alemanha, ininterruptamente. A que vê ao fundo é 6.000 quilos Berlim já conhece os seus efeitos



...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS
12,45	WRUA	25 m.	WRUS	19 m.	WGEO	19 m.		
13,45	WRUA	25 m.	WRUS	19 m.	WRUW	25 m.	WBOS	19 m.
14,45	WRUA	25 m.	WRUS	19 m.	WRUW	25 m.		
17,45	WRUA	25 m.	WRUS	19 m.	WRUL	19 m.		
18,45	WRUA	25 m.	WRUS	19 m.	WRUL	19 m.		
19,45	WRUA	25 m.	WRUS	19 m.	WGFA	25 m.	WCDA	26 m.
20,45	WRUA	25 m.	WRUS	19 m.	WGEO	31 m.		
(Meia hora de programa especial)								
21,45	WRUA	39 m.	WRUS	31 m.				
22,45	WRUA	39 m.	WRUS	31 m.	WKLJ	30 m.		
23,45					WKLJ	30 m.		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 19.45 às 20 horas.

Emissões diárias

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA



Iracema Dillian dir-se-ia, nesta imagem, a princesinha da «Branca de Neve»

UMA ESTRELA QUE SURGE

TODOS os dias nascem estrelas — no firmamento, como no mundo ilimitado das artes. Contudo, nem todas, estrelas e artistas, possuem o mesmo brilho. Muitas amorte-cem a sua luz; poucas ficam a brilhar deslumbradoramente.

Iracema Dillian é uma dessas estrelas brilhantes do mundo da imagem. Jovem, muito jovem, principiou a fazer Cinema aos 16 anos. De então para cá, a sua carreira artística tem sido assinalada por contínuos êxitos. E esses rápidos triunfos não são fáceis de obter no Cinema, onde o número de concorrentes de valor é de temer.

A sua vida, profundamente emotiva, desde os primeiros anos, foi dedicada a sentimentos elevados de Arte. A música, a literatura, a dança, foram as suas paixões dominantes. Em 1939, em Bruxelas, tomou parte num concurso internacional de dança e obteve, entre numerosas concorrentes, o terceiro prêmio.

Depois, o Cinema — o seu grande sonho — tentou-a. Nêle se estreou. E essa estreia abriu-lhe esperançosamente o caminho do êxito.

Iracema tem qualquer coisa que enleva e atrai na expressão suave dos seus olhos, na luz espiritual do seu rosto, nas linhas delicadas da sua cabeça luminosa de artista.

E' polaca, mas nasceu no Rio de Janeiro a 27 de Maio de 1924. Filha de um diplomata, tem percorrido quasi todas as capitais da Europa e das Américas. Daí falar com correcção várias línguas, entre elas o inglês, o francês, o espanhol e o português. Sim, o português, que aprendeu longe de Portugal: no Brasil, país de sol onde nasceu e passou parte da sua infância.

O nosso público cinéfilo não desconhece Iracema Dillian. Tem-na visto e admirado em filmes ultimamente exibidos

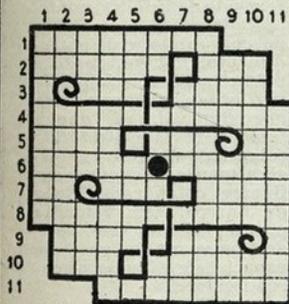


Uma das mais recentes fotografias da jovem artista

entre nós. E, diga-se de passagem, as suas interpretações têm merecido a admiração do público culto e suscitado elogios sérios e unânimes da Critica.

Actualmente, Iracema, que não é uma esperança da tela mas uma realidade brilhantemente afirmada, está em Barcelona, interpretando o papel de protagonista no filme «Madalena zero, em comportamentos numa dupla versão em português e espanhol. Estamos certos de que o público da capital, espera, ansioso, conhecer o filme em que intervêm artistas portugueses e no qual Iracema Dillian tem uma das suas mais notáveis criações de artista cinematográfica.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 84

HORIZONTAIS

- 1 — GENERAL QUE FOI RECENTEMENTE NOMEADO DO COMANDO-INTE-CHEFE DAS TROPAS BRITANICAS ESTACIONADAS NA INGLATERRA.
- 2 — Cobrir com iodo; Gasta.
- 3 — Argola de certos utensilios domésticos; Buracos.
- 4 — Executar; Velhacaria (bras.).
- 5 — Cinzento-azulado; Entregas; Preposição.
- 6 — Espaço que no meio dos desertos apresenta vegetação; Apelido de um apreciado cantor cinematográfico italiano.
- 7 — Símbolo químico do gadolínio; Escudero; Golpe com arma branca.
- 8 — Que tem a forma de azeitona; Protagonista de uma obra literária.
- 9 — Veredores; Cloro de sódio.
- 10 — Sim (inglês); Terraço.
- 11 — Confusos.

VERTICAIS

- 1 — Homem que se ocupa da ciência que considera as obras literárias e as

línguas sob o ponto de vista da erudição, da critica dos textos e da gramática.

- 2 — Nome de uma letra grega; GENERAL AMERICANO, TAMBEM ULTIMAMENTE NOMEADO COMANDANTE-CHEFE DAS FORÇAS TERRESTRES DO SEU PAIS INSTALADAS NA INGLATERRA.
- 3 — Nome de mulher; Gracejas; Caminhai.
- 4 — Em as; Continente que foi o berço da nossa civilização; Aspecto.
- 5 — Istmo que une a Indo-China à península de Malaca; Nota musical; Carta de jogar.
- 6 — Além; Pertences.
- 7 — Conjunção que designa alternativa; Viração; Textualmente.
- 8 — Parte superior e posterior do peccoto; Eleva-se; Espécie de sapo da região do Amazonas.
- 9 — Santo; Ribeira do distrito de Portalegre que, com outra a que se junta, forma o Sorraia; Casa.
- 10 — Substância mineral, incombustível, da natureza do amianto; Piedade.
- 11 — Árvore das regiões úmidas (pl.).

Solução do problema n.º 83



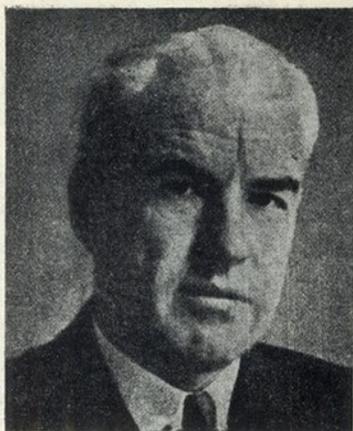
PEBECO

o dentifricio serio



Pebeco proporciona:

gengivas fortes
dentes brancos
halito puro
boca sã



EDWARD STETTINIUS *

A vista a Londres do Sub-Secretário para os Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos é um acontecimento da maior importância, pela natureza da sua missão e pela categoria e personalidade do enviado da nação americana. Efectivamente, Edward Stettinius revelou-se, rapidamente, como uma personalidade de primeiro plano no mundo político, depois de ter marcado um lugar à parte nos meios económicos e industriais do seu país. O respeito e a admiração que rodeiam a sua acção no Departamento do Estado afirmam um passado que, apesar de recente, oferece numerosos temas para meditar.

Edward Stettinius é o tipo acabado do «self made man». O Presidente dos Estados Unidos confiou-lhe a administração da Lei de Empréstimo e Arrendamento. O seu mérito histórico foi o de ter compreendido nessa fase em que tantos hesitavam, que o caminho do sacrifício era o caminho do dever.

No seu livro recente «A arma da vitória» Stettinius conta o que foram esses dias angustiosos do ano de 1940.

Era de armas, efectivamente, que a humanidade, e os intérpretes da sua sobrevivência, precisavam para deter a marcha da invasão.

Quando se fizer a história da hora vertubadora e incerta que o mundo acaba de viver há-de reconhecer-se que, como ninguém, Stettinius contribuiu para a vitória.

Foi para o seu patriotismo e para a sua experiência que a nação americana e o seu presidente apelaram quando se tornou necessário recolher a herança de Sumner Welles no Departamento do Estado. Stettinius, que não era um diplomata de carreira, como não fora nunca um negociante de material de guerra, adaptou-se rapidamente à sua nova função.

CRÓNICA INTERNACIONAL

DOIS HOMENS E DOIS POVOS

NO discurso, notável por tantos títulos, que há pouco proferiu na Câmara dos Comuns, o sr. Churchill disse que se os homens de Estado que têm a responsabilidade de dirigir as maiores potências do mundo tivessem possibilidade e facilidade em se encontrarem, ao menos uma vez em cada mês, seriam rapidamente removidos todos os obstáculos. Com o seu exemplo e com o seu sacrifício pessoal, o Primeiro Ministro da Gran-Bretanha tem feito a demonstração prática desta verdade, que todos sentem, mas sobre a qual nem todos meditam convenientemente.

Estamos numa fase da guerra em que os acontecimentos se precipitam com uma rapidez vertiginosa. Os homens que se batem, em todos os campos de batalha do mundo, são os arautos duma aspiração que não pode ser frustrada. Essa aspiração apareceu, pela primeira vez, expressa na Carta do Atlântico que é o produto do diálogo histórico de dois chefes responsáveis animados por uma ânsia de progresso ilimitada e pelo desejo inabalável de criarem, para todos os seus semelhantes, melhores e mais dignas condições de existência. Seria difícil encontrar mais autorizados e mais elequentes intérpretes dos sentimentos hoje predominantes em todo o mundo do que o Primeiro Ministro da Gran-Bretanha e o Presidente dos Estados Unidos.

O sr. Churchill, que caminha para os setenta anos, mantendo intactas as suas extraordinárias faculdades de inteligência e íntegro o seu vigor físico, viajou de início, desde que assumiu a direcção dos negócios públicos na Gran-Bretanha, desenas de milhar de quilómetros. O seu interlocutor americano deslocou-se para fora do seu país, facto que só em ocasiões excepcionais se tem verificado na história dos Estados Unidos, apesar de todas as dificuldades acarretadas pelas suas extensas e demoradas viagens ao estrangeiro.

O seu diálogo oficialmente iniciado na imensidade do Atlântico, em Agosto de 1940, tem-se prolongado ininterruptamente. A sinceridade completa e a lealdade desse diálogo tem sido, sem sombra de dúvidas, o fundamento mais seguro para abraçar a fraternidade de armas anglo-americana e para propiciar a sua colaboração na paz. Porque nunca, na vida de dois grandes povos, os seus homens representativos falaram um ao outro com mais absoluta franqueza e mais total independência de vistas.

Os soldados que lado a lado se bateram na Tunísia, na Sicília, que se batem neste momento, em Cassino e em Anzio, que, ombro a ombro, se preparam para saltar da plataforma britânica ao continente ocupado, são os executores fiéis e conscientes, decididos e entusiastas da amizade fraternal que liga os seus chefes incontestados e acatados. Depois de se terem encontrado em tantas ocasiões e de haverem arrostado, para isso, com todos os perigos e adversidade, são ainda eles que se preparam o golpe decisivo que há-de trazer a paz ao mundo.

O diálogo que iniciaram há cerca de quatro anos, prolongamento do diálogo dos seus mortos, continuação do diálogo dos seus precursores, prossegue ininterrupto e confiante. É essa a melhor garantia de que no seu termo definitivo terão a sua condigna recompensa.

O OBSERVADOR

A segunda frente

Ela será um facto! Se a guerra a leste já está ganha, com a ocupação total do antigo território, que foi invadido depois de um solene tratado de paz — que Maquiavel não sonharia é, no ocidente, que será dado o golpe decisivo.

Não tenham dúvidas que a hora da luta se aproxima. Está marcada no relógio de Eisenhower e de Montgomery. Naturalmente, há que contar com a insurreição de alguns povos agora subjugados e, sobretudo, com o potencial das forças aliadas e tudo quanto elas possam despejar ou conduzir para o território da luta. A Alemanha, militarmente, como a «peau de chagrins», de que Balsac fez um símbolo, encolhe-se, enrugase, enfraquece, envelhece até, enquanto do outro lado da Mancha se empunham as bandeiras da Vitória.

Dr. João de Barros

Numa penhorante, embora justa, homenagem, o governo brasileiro acaba de conceder a Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul ao grande poeta João de Barros, sem dúvida, uma das mais altas e nobres figuras da cultura e do pensamento português. João de Barros foi o estrênuo pioneiro de política de aproximação intelectual das duas nações. Toda a sua existência gloriosa, generosa e ardente, que reflete uma alma de pura beleza, tem sido dedicada, desinteressadamente, a essa obra de comunhão, e de entendimento. Foi ele, desde a primeira hora, a labareda vigilante e constante dessa aproximação, de que a famosa revista *Atlântida* foi a mais nobre e expressiva mensagem. O nosso ilustre colaborador João de Barros, sem vaidades porque as não tem, deve aceitar, como um gesto de especial significado, o honoroso galardão.

Duas vítimas

Mais duas vítimas — a Hungria e a Romênia. Os aliados de ontem passaram à categoria de países dominados. Mas, então, é isto a Nova Ordem? Evidentemente, nós já sabemos que a expressão era, apenas, uma máscara de conquista.

Foram vítimas quasi todos os países da Europa. Militarismo, Kaizerismo, nazismo, trevas, perseguições, ocupações — tudo isto, afinal, se equivale.

Quando países, como a Hungria e a Romênia, querem libertar-se do parceiro, este cai-lhes em cima, e pela lei do mais forte, substitui-se na sua vontade de tentarem salvar o seu destino nacional. Até quando?

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L^{da}

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa do Oliveira, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Através dos gélos, a poderosa esquadra inglesa tem mantido desde o princípio da guerra sempre aberto o Oceano Artico, protegendo eficazmente os combóios que conduzem para Mursmank muitos milhares de tanks e de aviões que são empregados na frente Leste

A ROTA DE MURMANSK

A GORA, que a arma submarina foi varrida do Atlântico, começa a ser a altura de fazer a história do sacrificio heróico da marinha inglesa, da marinha de guerra e da mercante, para manter ininterruptamente aberta a rota do Ártico.

É preciso não esquecer que foi essa a condição fundamental da vitória. Sem ela, nada do que depois se conseguiu poderia sequer esperar-se nem a resistência da frente Leste, nem as transferências de material, nem o transporte de tropas, nem, finalmente, a coordenação dos planos defensivos e ofensivos que apressaram, em proporções ainda ignoradas, a decisão do conflito que há quatro anos e meio enluta e ensangüenta o



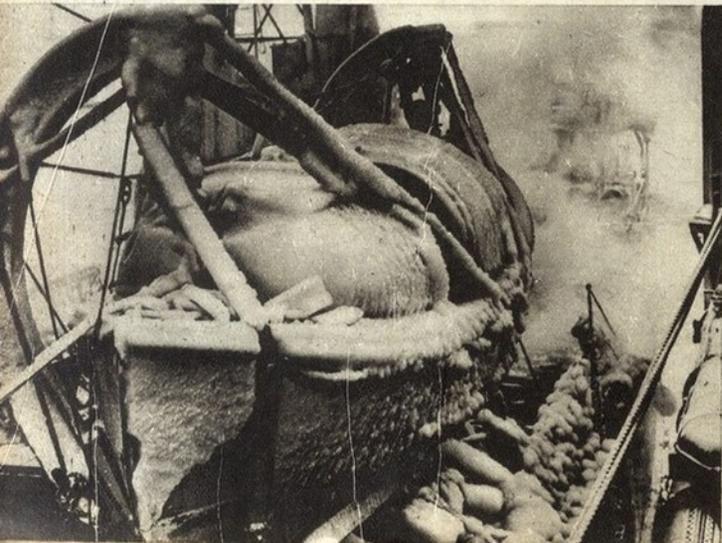
Um herói do Ártico



Um couraçado inglês que, coberto de neve, parece um navio fantasma. Foram alguns destes homens que afundaram o «Scharnhorst» e que se encontram, agora, num dos portos do seu aliado de Leste



Tudo gelou. Foi preciso atravessar por entre icebergs e noites tempestuosas de neve, mas o carregamento chegou intacto. Um marinheiro quebra esta-lactites formados na coberta



Um submarino foi afundado. A bandeira inglesa sobe no mastro em sinal de vitória

← A baleeira de um navio inglês nos mares do Polo

mundo. No seu discurso de 22 de Junho de 1941, o primeiro ministro da Gran-Bretanha prometera categoricamente que o material inglês chegaria ao seu destino. O Sr. Churchill contava, para isso, com a tenacidade e com a habilidade incomparável dos homens da Royal Navy e da marinha mercante.

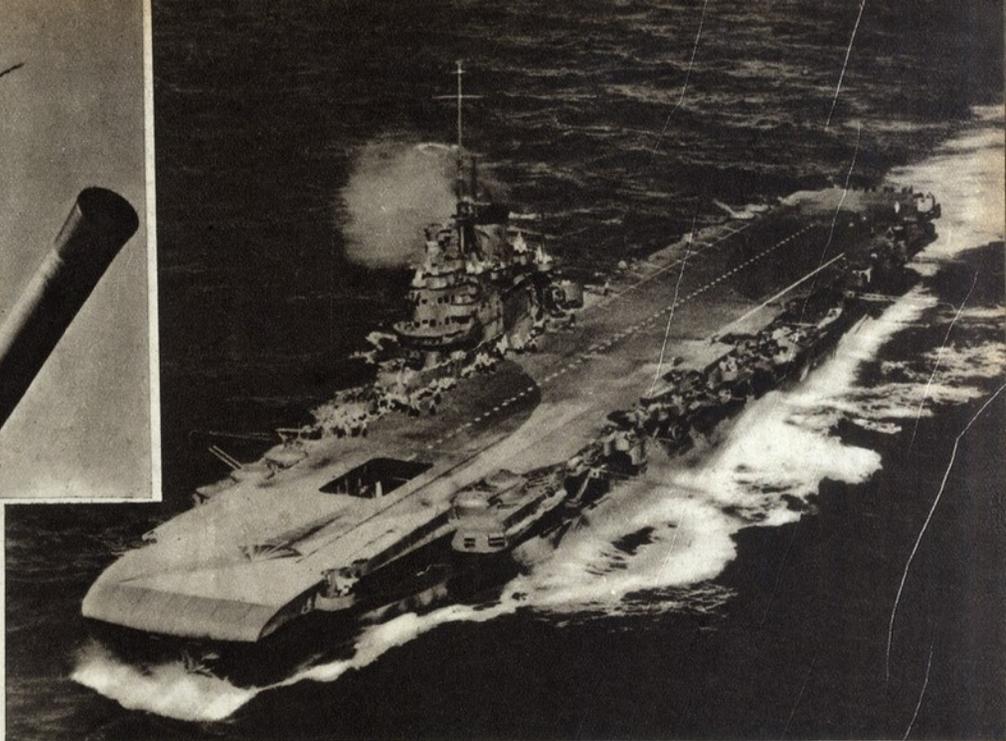
Esses homens não conheceram um momento de desfalecimento, não tiveram uma distração. Entre o afundamento do «Bismarck», e o desaparecimento do «Scharnhorst», a luta desenrolou-se vitoriosamente. A decisão surgiu ao mesmo tempo que as vagas lançadas no mar pelo almirante Doenitz eram aniquiladas pela colaboração admirável da marinha anglo-americana. A manutenção da rota de Murmansk foi um facto essencial para que o material que saía das fábricas da Gran-Bretanha pudesse ser

(Continua na pág. 29)



Um grupo de patrulheiros ingleses afundou, recentemente, seis submarinos em 16 horas. A bandeira do «Starling», navio chefe, flutua orgulhosamente depois da façanha

Um porta-aviões. É com estas poderosas unidades que a Inglaterra leva as Nações Unidas à vitória →



SEIS SUBMARINOS AFUNDADOS



Tripulantes de um dos submarinos alemães afundados são recolhidos pelos ingleses



Um submarino nazí vem à superfície, vendo-se ainda o deflagrar da carga de profundidade. A tripulação rendeu-se



O capitão Walter, comandante do «Starling», que dirigiu as operações de destruição da esquadilha de submarinos nazis



Agora, os marinheiros ingleses pescam, tranqüilamente, os despojos dos submersíveis alemães despachados para o fundo dos mares

A CAMPANHA DE ITALIA



O espólio alemão nas ruas de Nettuno é queimado pelos soldados ingleses. A cunha de aço daquela testa de ponte faz sangrar continuamente os flancos do exército nazi



Um bivaque num velho anfiteatro romano



Um posto de artilharia inglesa na frente italiana. Os movimentos dos inimigos estão sendo interceptados

Heróis de ontem e heróis de hoje →



A neve caiu sobre o teatro da luta. Tudo parece desaparecer sob uma espessa camada branca. As tropas inglesas esmagaram a resistência em Cassino, apesar do rigor das intempéries



A FAMÍLIA CHURCHILL



Mrs. Winston Churchill com as suas filhas, Mary e Sarah, que têm acompanhado o Primeiro Ministro nas suas viagens históricas e as quais fazem parte dos Serviços Auxiliares Femininos do Exército



O capitão Randolph Churchill, que se encontra agora na Iugoslávia, combatendo nas forças do general Tito, despedindo-se de sua esposa num aerodromo em qualquer ponto da Inglaterra



Winston Churchill, o Homem n.º 1



Notas Furtivas

Há quem proclame, com impressão que lhe parece nitida, que Hollywood está a apodrecer, que criou bolor e teias de aranha nos seus estúdios magníficos. A fadiga de criar tanto, o tédio, a falta de imaginação são males que não têm remédio, pois já não há tónicos para a pobre metade de pulmão pela qual a cidade das mais recentes produções vindas do outro lado do Atlântico, como se tudo, em Hollywood, estivesse a secar, trisamente, como uma flor.

Há que vê, porém, os motivos fundos dessa impressão. Não é difícil reconhecer que o cinema americano enveredou, nitidamente, ou melhor, francamente, pelo caminho da propaganda. O cinema como evidente instrumento de propaganda — eis o «logon» que vem desde o dia em que Frank Capra procurou simbolizar no seu John Doe todos os homens de boa-vontade, dispostos a resolver, pacificamente, os mais complicados problemas do mundo...

Os filmes sucedem-se, obedecendo ao mesmo diapásão. Sejam comédias, revistas-musicais, dramas históricos ou longas biografias — tudo vai direito ao mesmo fim, que é o de exaltar a bravura e o idealismo dos ingleses e americanos. Até o próprio Walt Disney, espontaneamente, se alistou entre os que deveriam dar tudo de si ao esforço de guerra. O criador de tantos animaisinhos deliciosos, o humorista revelado em várias histórias e o poeta maravilhoso de «Fantasia» ou de «Bambi» passou a ter como tema, não a vida encantadora dos bichos que povoam o seu mundo de sonho, nem a harmonia imperturbável da Natureza, mas os exemplares incríveis da espécie

humana, incendiários e belicosos. Não podendo renovar a suavidade das cenas de «Bambi», nem as intenções puras da sua filosofia naturalista, Disney voltou-se para sátira, para a crítica mordaz e arrasadora, para o combate inclemente da inteligência contra a força bruta.

Por outro lado, as restrições de ordem econômica e militar chegaram, também, ao cinema. A grande indústria, que se alinha entre cinco mais importantes da terra do Tio Sam, teve que abandonar as produções de orçamentos elevadíssimos e fabulosos. Agora, têm de ficar dentro dum certo preço e passou a ser limitada a faculdade de utilizar material novo. Daí resulta a redução de salários e a impossibilidade de montagens luxuosas. Hollywood está na guerra com o resto da nação. Os seus melhores valores estão, também, mobilizados. Os Capra, os Ford, os grandes nomes da encenação, da produção, da música e da literatura estão nas «frentes» de batalha ou em postos de íntima colaboração com as forças armadas. Logicamente, que a sua ausência se faz sentir na qualidade cinematográfica dos produtos de Hollywood. As horas preocupadas que se vivem nos Estados Unidos, também, não deixam de se reflectir numa arte que, para se impôr, tem de aproveitar o elemento humano no que tem de natural e real.

Não! Hollywood não está em crise, nem abriu falência. Cumpre apenas o seu dever e, quando não pode fazer cinema que seja só cinema, procura encher os nossos olhos com o deslumbramento da película. E espera por novos dias da paz — essa espécie de tia velha que deve morrer legando fortunas aos herdeiros...

O QUE FAZ NASCIMENTO FERNANDES?



ESTORIL. Uma rapariga loira. Um homem passa e olha, olha como um homem pode olhar para uma mulher bonita... Isto podia ser o começo duma novela, dum conto, duma coisa qualquer no género, mas também pode ser o começo duma reportagem... que não é bem reportagem. É quasi entrevista.

O homem é Nascimento Fernandes. Olhou por olhar, — âle assim o declarou. Talvez hábito que lhe tenha ficado. Vê-mo-lo tão desempenado, tão «dandy», um «dandy» à velha maneira, direito, de gestos controlados, o fato irrepreensível, sem uma ruga causada por uma pose menos correcta, a camisa engomada e uma



Assistindo à vitória do Estoril-Plage. A emoção de um actor, que desta vez não representa um papel



O grande artista no Estoril. — Por amor de Deus! Ainda não cortei a coleta!...

Nas horas vagas, o bilhar. Dizem que é digestivo e, além disso, mantém a linha. Como vêem é mestre em carambolas



O melhor prato foi o espírito do comediante. Depois do jantar, as confidências

gravata que é um verdadeiro poema, que nos custa a acreditar na sua afirmação. Mas, enfim, se é ele o diz...

No entanto, vai olhando sempre para o eterno feminino. Quando não lhe agrada, diz simplesmente:

— Que «pifácta»!

A conversa continua: romantismo e sentimento. Dois temas interessantes, não é verdade? As mulheres gostam de saber a opinião dos homens; os homens gostam de dizer mal das mulheres — pobres criaturas, é a sua vingança. A certa altura ouvimos esta explicação:

— Oh! as mulheres! Deus quando fez o mundo — e o mundo, ainda que o não apercebamos inteiramente, é uma mara-

(Continua na pág. 29)



Um papel que ele ainda não representou: «o bricabraquistia»

O «Sapateiro», do «Chico das Pégas», parece agora um milionário



Ao lado do filho. A confissão de um pai



Todas as tentativas alemãs para repelir as forças britânicas da testa de ponte do sul de Roma se têm convertido em hecatombes. Centenas de envólucros das granadas que já caíram sobre o inimigo



Posições inglesas na frente de Cassino, que se converteu para os alemães numa terrível batalha de desgaste. A aldeia foi destruída por um intenso bombardeamento



O mau tempo, a neve e a lama dificultam o trânsito nas estradas da Itália. Mas, nem por isso, os exércitos libertadores têm deixado os alemães em sossego obrigando-os a mortíferos combates

A DERROCADA ALEMÃ



Na frente de Cassino, soldados ingleses camuflados aproximam-se das linhas alemãs e transmitem pela rádio as suas observações



Os italianos que as tropas das Nações Unidas libertaram na frente de Anzio saúdam entusiasticamente, a bordo de um navio que os conduz a Nápoles, os princípios que elas representam



Um navio carregado de prisioneiros japoneses. Muitos deles já pressentem que se aproxima a hora da derrota do seu país

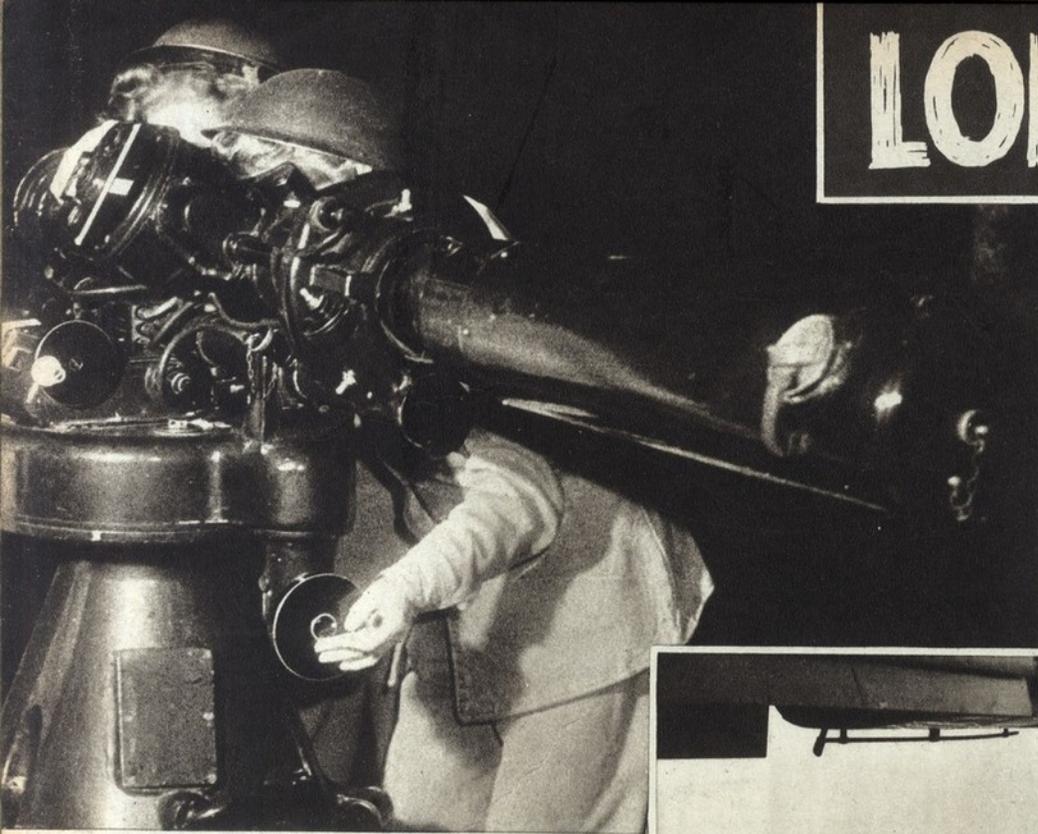


Os patriotas franceses destruíram um parque de artilharia e diversas casernas, em Grenoble, nos quais perderam a vida 220 invasores, ficando feridos 500. As ruínas daquele centro militar



As armas para a invasão. A Inglaterra converteu-se num parque gigantesco de material. Um reduto de artilharia anti-aérea num blindado

LONDRES ATACA



A capital do Império é invencível. Mulheres inglesas num posto de escuta da defesa anti-aérea de Londres. Os poucos aviões alemães que cruzaram o céu foram abatidos ou repelidos



Londres responde, como só ela sabe responder, fulminando o adversário. Mais uma bomba de 6.000 quilos vai cair sobre a Alemanha



Este halo fulgurante ilumina o mundo. Tem uma alma ardente de fogo, de heroísmo e de glória



Como eles sorriem quando se trata de abater um avião alemão. São os melhores artilheiros da defesa anti-aérea

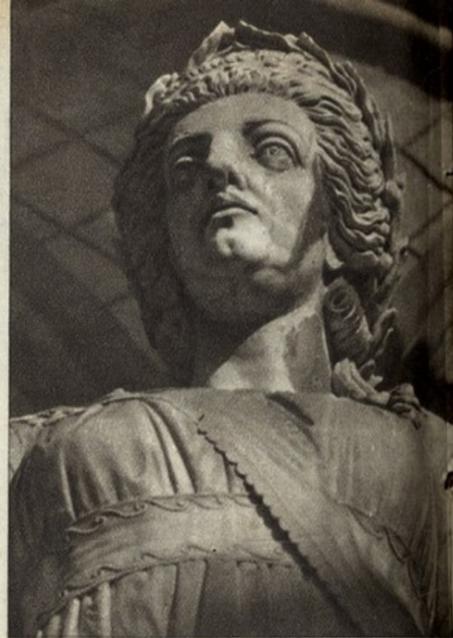


EM PLENA BATALHA

Um inverno excepcionalmente rigoroso caiu sobre a Europa. Os soldados das Nações Unidas combatem assim camuflados. Estes estão a poucos metros de uma posição inimiga, que não tardará a cair-lhes nas mãos



A aviação americana, que domina o Pacífico, num dos seus ataques devastadores à base japonesa de Rabaul. Como se vê por esta fotografia, quasi todos os navios que ali se encontravam foram incendiados e afundados



Como o escultor viu a filha de D. José I, peça preciosa em mármore de Carrara, que está sendo agora colocada no terreiro do palácio de Queluz



Nun'Alvares, o herói imortal de Aljubarrota, numa estátua jacente, em madeira, que reproduz a do seu túmulo



Um lindo cruzeiro gótico, cujo autor é possivelmente algum artífice do mosteiro da Batalha

A BELEZA DAS RUINAS

AS ruínas do Carmo falam... Admiradas de dia ou de noite, cobertas de neblina, de sol ou de luar, atraem os olhos, acordam a memória e emocionam as almas. São, a um tempo, grandes palavras da nossa história e sublimes poemas. Caíram sobre elas já alguns séculos, mas, por isso mesmo, constituem preciosas lições de orgulho patriótico e emoção religiosa.

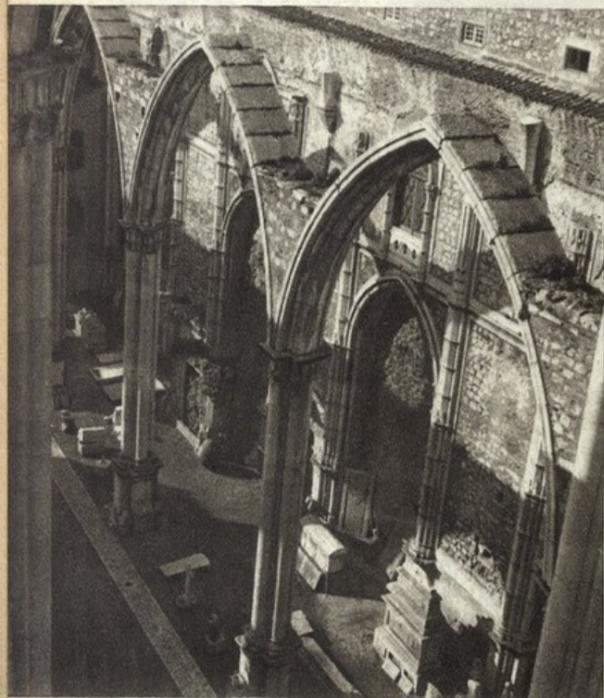
Fundou o Convento do Carmo D. Nuno Álvares Pereira, em 1389. Portugal acabava de levantar, em pleno campo de batalha, com o sangue e o sacrifício dos seus filhos, um dos marcos mais vigorosos da sua independência. D. Nuno, em Aljubarrota, havia feito o voto de, a sair-se vitorioso, fazer construir um grande edifício de destino religioso. Assim sucedeu, com o esforço das espadas e a bênção do céu. Durante 34 anos, pedra a pedra, sob a direcção dos três arquitectos, Afonso, Gonçalo e Rodrigo Enes, foi o convento construído. Além de morosas, as obras também foram episódicamente tolhidas por inesperadas contrariedades. Como se dessem dois desmoronamentos, o Condestável, com o seu génio asomado, chegou a declarar que, a dar-se o terceiro, faria levantar os alicerces em bronze. A inauguração do convento encheu de alegria o célebre guerreiro. Fizeram-se, então, festas condignas, que duraram largos dias. O Condestável passou a ser, depois, Frei Nuno de Santa Maria.

Resta hoje, do Convento do Carmo, um quartel — o da G. N. R. — e um museu arqueológico. Naquele, além das desafogadas dependências, podem admirar-se, ainda, preciosos azulejos; e, neste, nas naves, no transepto, na capela-mor e nas capelas sucessivas, surpreendem o visitante os documentos de carácter olissiponense e os que dizem respeito à vida do próprio edifício no tempo em que pertenceu à Ordem Carmelita. Entre os primeiros, destacaremos: a pia baptismal, em que foram baptizados todos os filhos de D. João I; uma bacia de pedra trazida de Azamor; os dois leões que ornamentaram o túmulo da rainha D. Mariana de Austria, obra de Machado de Castro; até há pouco a estatua de D. Maria I, em mármore de Carrara, o soberbo túmulo de Rui de Menezes; diversas inscrições latinas; a lápide sepulcral do Alfageme de Santarém; braços, estátuas, outras lápides sepulcrais, exemplares cerâmicos e numismáticos, numa palavra, raridades que são outras tantas imagens reais de tempos recuados. Impossível enumerá-las a todas. Impossível dar aqui sequer uma pálida ideia da variedade de objectos que ali se encontram expostos.



A beleza mutilada ainda é mais bela. Ruskin não queria que se profanassem as ruínas com reintegrações

A última imagem da estátua de D. Maria I, entre as ruínas do convento do Carmo



O sismo de 1775 destruiu o convento fundado por D. Nuno Álvares Pereira. Mais tarde, pensou-se em reconstruí-lo, tendo sido reconstituídas algumas arcadas, mas a obra não foi por diante



O museu guarda numerosas pedras de armas, primorosamente lavradas



Num ataque frontal coordenado com um assalto de flanco, esta aldeia é conquistada às forças nazis, que deixam nas mãos dos libertadores numerosos prisioneiros



Sob o fogo concentrado da artilharia, os tanks alemães que tentavam progredir foram destruídos e as tripulações que não se entregaram, são agora exterminadas



Os tanks ingleses têm-se revelado magníficos em todos os teatros de guerra. Uma coluna a caminho da frente



Como se faz saltar um baluarte alemão. A mina rebentou, num jacto de pólvora e terra, subvertendo-o por completo, bem como os seus ocupantes



Com estas armas anti-tanks têm-se destruído milhares de blindados alemães. Trata-se de uma invenção desta guerra



A infantaria das Nações Unidas, para atravessar os rios, é equipada com flutuadores e pequenos remos

TEATRO DE GUERRA



A passagem dum rio. Os alemães estão na outra margem, mas as forças das Nações Unidas, cruzam, rapidamente, o curso de água, no seu encalço



Os blocos de artilharia estão tendo na guerra um papel uma peça, no meio



primacial. Soldados das Nações Unidas colocam em posição do fragor do combate



Uma trincheira da luta contra a Alemanha. Os soldados não se detiveram ali. Rapidamente, batem o inimigo, prosseguindo depois no seu avanço



Um admirável raid executado pela aviação americana a uma base japonesa da Nova Guiné. Vêm-se as asas «yankees» descarregando as suas bombas, que destruíram todos os depósitos de combustíveis e pulverizaram os aparelhos nipónicos, no solo. Alguns projecteis foram arrojados ao solo em paraquedas



Os fusileiros «yankees» depois de um denso bombardeamento dos seus navios, que se assemelhou a um tremor de terra, desembarcaram e conquistaram a ilha de Namur, uma das Marshall

Um navio japonês que seguia para as Marshall foi assim interceptado e afundado pelo fogo dos bombardeiros americanos



O ESMAGAMENTO DO JAPÃO

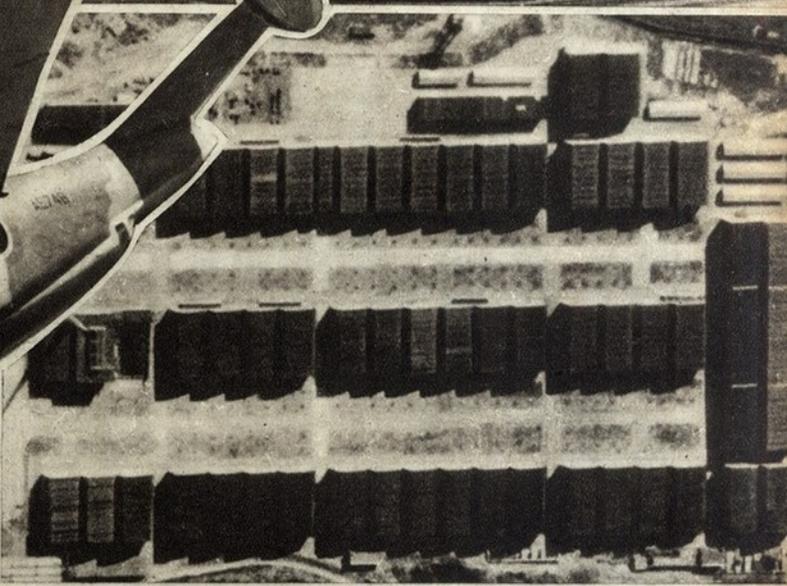
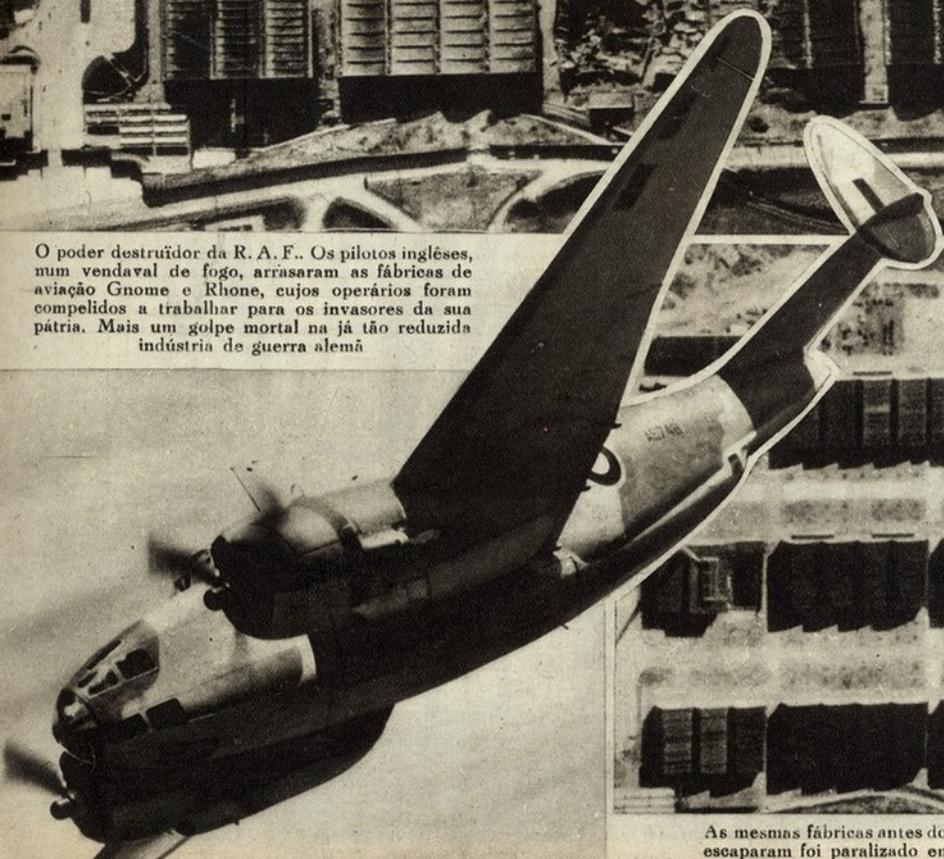


Lord Louis de Mountbatten, comandante supremo das forças britânicas que operam, agora, na Birmânia

O PRELÚDIO DA INVASÃO



O poder destruidor da R. A. F.. Os pilotos ingleses, num vendaval de fogo, arrasaram as fábricas de aviação Gnome e Rhone, cujos operários foram compelidos a trabalhar para os invasores da sua pátria. Mais um golpe mortal na já tão reduzida indústria de guerra alemã



As mesmas fábricas antes do ataque. O trabalho dos poucos «ateliers» que escaparam foi paralizado em virtude de depender das peças manufaturadas



Swing
nally

UM PERFUME MODERNO

ADA

“O bom humor no C. E. P.”

O bom humor, a graça, a expressão risível dos homens e dos acontecimentos, não são coisas fáceis de exprimir — principalmente na forma escrita.

Atribui-se, tanta vez, por mau conceito, a escritores a designação de humorista; mas também sucede que muitos dos seus leitores se interrogam sobre a razão porque chamam ou se chamam certos plúmbeos espirituosos. E quasi sempre quem assim se interroga fica sem resposta convincente.

O sr. Mário Afonso de Carvalho, que fôra alferes na outra guerra, é um escritor gracioso, de espirito leve, de uma intenção subtilmente satirica — enfim

um admirável escritor, diríamos humorista, se o epíteto não estivesse tão impròpriamente vulgarizado.

Neste volume «O bom humor no C. E. P.», que o Sr. Mário Afonso de Carvalho escreveu, não há, todavia, somente facécias descuidadas.



O seu livro contém, igualmente, muito de verdade histórica, pois nelle se encontram páginas em que os actos de bravura são nobremente salientados.

Por isso, o seu livro não pode ser esquecido.

É um documento histórico que assinala um período da vida portuguesa. E a história também se pode escrever sem ênfase — sorridentemente.

Mário Afonso de Carvalho, com Jaime Cortesão, Pina de Moraes, Ribeiro de Carvalho, André Brun, os irmãos Olavo para só falar na falange literária e tantos outros, cumpriram nobremente o seu dever nas trincheiras enlameadas da Flandres, relata na sua obra a tragédia da guerra, sem, de quando em quando, deixar de sorrir.

Certas designações toponímicas apontadas em qualquer página do livro é que nos parecem excessivas — e uma ou outra anónima, injusta.

Isto, porém, é um pormenor que em nada altera o intuito simpático da obra. Aliás, admitimos, não foi decerto o autor que presidiu ao baptismo, desses lugares.

Comemorações

FEÇA DE QUEIRÓS vai ter, a acreditar no que ultimamente tem vindo a público, grandes comemorações a coincidir com o centenario do seu nascimento.

Não somos das pessoas que julgamos indispensável fazer de quando em quando, em períodos curtos ou estirados, solenes exhibições prestando os escritores de saparécidos.



Entretanto, apreciamos devidamente a que se projecta visto tratar-se de um centenario sobre o qual transcendendo a glória do nosso grande romancista.

Muitos dos preconceitos, dos erros, dos ridiculos, que o escritor satirizou com verve de ácido comentador, não é de cret que, passadas dezenas de anos, ainda tentem ressurgir.

O mesmo sucede a muitos dos seus modelos humanos: Acácio, Salcedo e Basílio.

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

PORTELA JÚNIOR

— O pintor da terra alentejana

OS temas da pintura parece já não serem de molde a tentar os nossos artistas plásticos. Assunto eterno e inesgotável de beleza na visão interpretativa do artista, passou um pouco de moda... para determinadas minorias.

Felizmente nem todos os pintores puseram de parte o tema forte e sempre novo da terra portuguesa, dos seus costumes e dos seus tipos inconfundíveis no seu constante labutar.

Portela Júnior é — já alguém o disse, com perfeita propriedade — o pintor da terra e da gente humilde que nela labuta e sofre e tem fugazes alegrias. Os motivos das suas telas impressionam pela verdade interpretativa do artista; os seus horizontes onde sempre se entrevê o sonho que envolve as grandes planícies alentejanas, reflectem a espiritualidade do pintor que, pode dizer-se, os diafanizou na suavidade das tintas.

E a Natureza, que se renova e desfalece, que tem múltiplos aspectos na gradação das cores como nas mutações de vida, é a maior escola, a grande mestra do artista.

Necessário, porém, se torna senti-la para auscultar a sua beleza.

E como, é velho saber-se, a Natureza é vista através de um temperamento, Portela Júnior, temperamento vibrátil e criador fez da terra o poema escolhido dos seus quadros.

Portela Júnior abre no dia 10 de Abril, a sua exposição na Sociedade de Belas Artes. Este certame confirmará os reconhecidos méritos justissimamente atribuídos ao artista.



Um pormenor de um quadro do artista

Um índice

SEGUNDO lâramos nas gazetas, mais de trinta mil pessoas assistiram, no passado domingo, a um desafio de futebol.

Não esqueçamos que na Grécia, os atletas iam para o jogo de destreza depois de ouvir as preleções dos filósofos.

A Primavera

A Primavera como, aliás, tôdas as coisas que se repetem periodicamente, é uma banalidade. E não é menos banal a citação do facto.

Tudo isso não constitui ignorância para ninguém. Mas também é certo que muitas pessoas, mesmo aquelas que consideram sem interesse o tema gasto e lírico da Primavera, não podem deixar de sentir a carícia vivificante deste sol acolhedor. E essa influência física é de tal ordem, que os velhos principiavam, nos domínios sentimentais, a praticar loucuras, e os jovens a proceder tão desassissadamente como se fôsem octogenários impenitente e ente agarrados a lembranças já longínquas.

Claro, a culpa não será de uns nem de outros. É, decerto, da Primavera que, não obstante ser banal, continua a ser patifal... E quasi nos ia esquecendo, nesta época florida, da costuada alusão «à menagem dos andorinhos» e às «árvores floridas como tocados de noiva». Não o fizemos, porém. Quem sabe, se não serão os seus inevitáveis cantores que tornam fútil a Primavera?

Mas terá, de facto, a mais linda estação do ano culpa de que os homens ainda não souberem interpretar a sua beleza?



PREPARANDO A TERRA

Caminheiros

TODAS as épocas têm os seus lugares comuns, os seus ditos inevitáveis, as suas frases próprias, monotonamente, repetidas. Mas, ao sabor do tempo, essas sies evoluem. O que foi lugar comum é hoje slogan — que também é comumente usado. O conteúdo, porém, é o mesmo; a expressão verbal é que difere.

Hoje tôda a repete: «O mundo está em marcha».

Todavia, poucos indivíduos se interrogam sobre o que será o fim dessa marcha heróica, dolorosa e ensangüentada!

“Vaincre,,

COM magnífico aspecto gráfico, escolhida colaboração política e literária, e admirável espirito livre, continua a publicar-se em Rabat, uma esplêndida revista ilustrada cooperando entusiasticamente com a causa das Nações Unidas.

Notáveis personalidades que vivem na África do norte assinam artigos que, pelo seu espirito actualíssimo, são dignos de quem os subscreve. A alma da França perece ressurgir nos seus grandes vultos intelectuais.

«Vaincre» é, pois, uma publicação de grande oportunidade.

E da sua leitura transparece a certeza de que o espirito que tornou inesquecíveis as obras dos seus grandes construtores de beleza, será eterno com o tempo.

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

O CHAPÉU MODERNO

É 100% chapéu. Às vezes, até chega a ser demais, tão volumoso se mostra. É complicado, pois exige trabalho em incrustações, abertos, espécie de *crochet* com tiras finas do próprio feltro ou com *chénille*, pregas, nervuras, franzidos, aplicações, etc.

Forma contraste com a nossa época dinâmica, pois é absolutamente *romântica*, tudo quanto há de mais 1880... sentimental e flôres emmurchecidas entre amorosas rimas.

Como a moda nos vestidos tem que ser forçosamente discreta devido às circunstâncias actuais, é o chapéu que está encarregado de dar a nota fantasista e colorida que empreste animação e um pouco de centelha.

As guarnições, em geral, colocam-se atrás, seguindo a tendência geral da moda que também aí coloca a roda. Os chapéus continuam a pôr-se para a frente e com pregas ou franzidos ou laços cobrem-se os cabelos até à nuca, prolongando-se, algumas vezes, em charpas que se vêem prender no cinto.

Os materiais empregados lembram, também, épocas passadas: *veludo*, *panne*, *plumas*, *tule*, *bordados de soutache* e *passamanaria*, *borlas* e também *feltro*, *fitas*, *penas*, *jersey*, *flores* e *jóias*.

Os feltros são tão diversos que se torna difícil submetê-los a uma fórmula geral. São eles: *Postilhado* com as abas laterais deitadas sobre si mesmas; *Cruz Vermelha*, exactamente o toucado das enfermeiras, deixando ver algum cabêlo à frente e fazendo flutuar o pano atrás; *Canotier* pequeno em feltros de vários tons incrustados de tal forma que parecem um todo; *Toques* género *chou* muito franzidas; *Amazona* grande e ousado; *Turbante* que, à frente, cobre uma espécie de pequenino fêz e atrás envolve o cabelo todo; *Barrete Frigato*, com a capa franzida na frente, em baixo, alargando para cima; *Boinas* com grande movimento em altura.

O chapéu tem hoje como sempre, um único fim: embelezar a mulher.

Há umas coisas de que tôdas as senhoras gostam

— Que lhe abra a porta do carro.

— Quem deve levar os embrulhos? Nos países árabes, são as mulheres, e os homens com as mão nas algibeiras fumando e assobiando. Mas nós não estamos na Arábia.

— No restaurante, dê sempre a lista à sua convidada; a ela compete consultá-lo, a si.

— O homem deve dar a direita à mulher. Num passeio, irá do lado de fora. Os americanos tão depressa estão à direita como à esquerda, sempre atentos ao lado onde há perigo.

A MESINHA DO REI

Novela de JOÃO DE LISBOA

As trepadeiras abriram-se em miríades de arroxeados ou dourados calices; e na folhagem sedosa e perfumada perpassava o hálito da madrugada a custo desfeito pelo vigor do sol. Na vida irreal, plácida, narcotizante, daquele fim de semana, estava o sumário da vitalidade britânica: o contraste en-

tre o banho acolhedor na *Natureza*, rescedente e tónica, com a acção trabalhosa do pôrto, arquejante na *bsia* ampla, serena, mas cujas águas uriantes e límpidas a cada momento eram sulcadas de poderosas naves e aeronaves. A terminante *divisória* entre a tarefa a cumprir e o campo de «golfe» para recreio dos músculos e expansão dos nervos saturados.

Na casa ampla reinava o sorriso acolhedor de «*mistress*» Lang; uma *septuagénaria* de alva cabeleira, moderado porte, constante actividade. Eu habitara-me, desde princípio, ao acolhimento no hotel tranqüilo, mais bosque do que jardim, mais casa saudável, de amplos corredores e varandins em madeira velhinha, quartos amplos e confortáveis, do que restaurante indiscreto e tumultuoso.

Ao almoço, a respeitabilidade irradiava do grupo de senhoras que contornava «*mistress*» Lang; e ela própria, sem falar quasi, no hábito de parcos gestos e na disciplina dos mordomos, colhia o ambiente da estável quietude imposto pelos hábitos da casa-hotel.

Ementas ligeiras e variadas, carnes tenras de cordeiro passadas ligeiramente pelo fogo e muitos peixes, cozidos ou grelhados. A adornar esta cozinha singela, os pratinhos de manteiga sem cessar renovada, pouco sal e tendo ao lado as barras de pão louro, as talhadas de presunto e os ovos do primeiro almoço. A adoçar e suavizar todo este arsenal culinário, as compotas dos mais variados frutos, predominando, porém, as ameixas e os morangos, e com franca intervenção das laranjas e limões recolhidos em todos os pontos do Império, apucarados e triturados em Londres, a qual reexpedia as ventruças latas aos portos de procedência.

E tudo se fazia com a metódica precisão de todos os hábitos bons e sérios. Com a mesma beleza e serenidade de golpe entremesavam-se as malhas do bordado em lâs filamentosas, desdobradas em eternos novelos que agulhas de «*crochet*», em ósso ou metal, sempre rutilantes e serenas, parecendo sempre as mesmas, desdobravam, dia por dia, em curiosas obras de ponto, sólidas e permanentes como as suas manufatureiras.

Joãva ao xadrez, às damas, ao dominó ou ao «*mej-jong*» — empliação poética de tudo o que a fantasia chinesa é capaz de conceber. As flores e os dragões catadores de ventos confundiam-se na profusão dos metodos de contagem. Preferira, no entanto, na eterna reminiscência do gamão provinciano, as damas, que jogava com alguma agilidade. E, sem querer, adormeci na calma dominical, enleado pelos motivos ponderosos e eternos que me dominavam: o mar, o bosque e a montanha alta de vários milhares de metros.

Quando despertei, vi, estupefacto, ser a sala a mesma: no entanto, tão desprevenida era a minha atenção, que só agora me fixava no estrocho objecto no qual apoiara o cotovelo. Na sala em panos amarelos de amarelas cadeiras de palha madeirense, de pezadas alcatifas e tranqüilos costureiros, contrastava com as velhas



O «Mundo Gráfico» oferece este modelo, do Harper's Bazaar, às suas jovens leitoras. Que tal acham?

(Continua na pág. 80)

'PRONTO'

Sempre presente

EM TODA A
COMPETIÇÃO
DESPORTIVA!



PRONTO WATCH Co.
Le Noirmont - Suisse

AS MÃOS QUE VÊM

(Continuação da pág. 2)

alto, como se consegue levar um cego para as bancas de trabalho numa fábrica, onde produz, com insuperável perfeição, as mais minuciosas peças dum avião; para os quadros telefónicos, onde se mostra mais paciente e mais rápido do que muita «mentina dos telefones»; para as oficinas de afinação de motores, onde o seu ouvido consegue distinguir pancadas denunciadoras dum mau funcionamento para nós imperceptíveis — como não cabe o enumerar todas as suas ocupações nas indústrias de guerra.

Mas, brevemente, procurarei resumir-lo, aqui, tal como um dia o direi aos amigos que me prezo de ter entre os que, sem poderem ver as fotografias deste artigo, apenas poderiam ler os meus relatos, se nas páginas do MUNDO GRÁFICO se utilizasse a escrita de Braille.

F. P.

A rota de Murmansk

(Continuação da pág. 8)

eficazmente utilizado em outros teatros de operações onde então era maior a actividade. Não foi apenas todo o sector norte dessa frente, entre o Ártico e Leninegrado, que se manteve graças ao auxílio que esses envios de material representavam. Mais do que isso, foi a possibilidade de a manter, no seu conjunto, pela uti-

lização do material que os navios ingleses transportavam.

Na história da intervenção decisiva que a marinha de guerra e a marinha mercante tiveram na preparação da vitória, a narrativa dos esforços sobrehumanos empenhados para manter aberta a rota de Murmansk constituem um dos capítulos mais impressionantes e mais elucidativos. O que se passou com os comboios e com as escoltas desses comboios é uma página da epopeia que não será esquecida na hora em que se destrincharem as responsabilidades e se distribuírem equitativamente os prémios devidos a quem soube bater-se e sacrificar-se. Porque distribuir honestamente justiça é a primeira condição para se construir uma sociedade nova e melhor.

O QUE FAZ NASCIMENTO FERNANDES?

(Continuação da pág. 15)

vilha — olhou a sua obra e achou-a incompleta. Falta-lhe qualquer coisa que agitasse tudo isto, o fizesse mover, em suma. E fez a mulher!

O Estoril Plage vai jogar ao Lumiar. Se ganhar passa, finalmente, à Divisão de Honra. Vamos ver Nascimento «soler» durante hora e meia. E ele sofre, realmente. Jogo bravo. O Estoril ganha. Não sabemos se com a alegria, Nascimento convidou-nos para almoçar no dia seguinte.

É dos romances, durante um bom almoço ou jantar, trocaram-se confidências. Nesta altura, talvez calhasse uma dissertação filosófica sobre o assunto. Mas é melhor contar o que se passou. A verdade é que decorreu exactamente tudo como nos romances. Até podia arranjar um título para esta quase reportagem: «O que faz Nascimento Fernandes?» Que lhes parece? Mas também não seria inteiramente adequado. A verdade foi que ele, como bom algarvio que é, se fartou de falar, mas «particularmente». Ah! se Nascimento nos deixasse estampar tudo o que disse! Mas não: «jornalismo à americana é bom para os americanos. Quere que me zangue consigo?» Não, não queremos, nem podemos atraiçoar as leis da hospitalidade. A meio do almoço começa a fumar. Suponho-lo um fumador impenitente, mas não é tanto assim. Diz que se o médico o proibisse de fumar, largaria logo o tabaco. Porque Nascimento tem uma laringite e até já lhe tiraram um polipo duma corda vocal; é, por isso mesmo,

que não tem trabalhado. Tinhamos ouvido muitos boatos a propósito do seu afastamento do teatro, mas ele esclarece:

— Um actor como eu nunca corta a coleta! Mesmo já me vai faltando o cabelo para isso — acrescenta a rir, mas com certa pena.

É que essa do cabelo se lhe ir tornando cada vez mais ralo é um verdadeiro desgosto para Nascimento, segundo ele confessa. Mas não percebemos porque. Se já não lê romances de amor...

Fuma o cigarro e vai outra confidência. Diz que quando o vimos fumar de charuto é porque está muito, muito contente, eufórico.

— É para o que me dá, quando me sinto nas nuvens.

É que raramente isso lhe acontece. Sente-se só, triste, sem um afecto, «mas um afecto verdadeiro. Porque sou um sentimental!». É a velha história de todos os cómicos. Quando lho dizemos, Nascimento tem esta saída:

— Mas porque sou eu cómico? Também não sabemos e põmo-nos a pensar. Naturalmente, é porque faz rir. Depois é que percebemos que o que ele quer dizer é que gosta de fazer todos os papéis, sem desrinça de géneros. E nós, que já ouvimos dizer que um dos grandes sonhos

de Nascimento seria ter sido «down»,! Um actor é, para mim, uma pessoa que à força de incarnar diversos personagens, acaba por ter diversas personalidades. Porque, francamente, um homem que não faz nada, conversa, passeia, enfim, passa o tempo o mais agradavelmente possível e, para o arrelhar, apenas tem uma laringite que nem sequer o impede de comer ou beber, se não é quasi feliz é porque é muito exigente.

No fim de almoçar damos uma volta pelo Estoril. Toda a gente felicita Nascimento pela vitória do grupo local, como se ele também tenha metido «goals», na balisa. Vamos à séde do Plage vê-lo dar uma tacada. No «Clipper», discute com uns amigos e um director do club. Depois, numa loja de antiguidades, tenta-se por um quadro. Não seja ele uma pessoa de fino gosto. É quasi noite; temos que nos vir embora. Passámos um dia com Nascimento Fernandes. A nossa entrevista deve ter batido um tempo-record... no género lento. Nascimento, ao outro dia, vem a Lisboa, ao médico, ao alfaiate e vê o filho, o filho que lhe anda sempre na boca. Ainda havemos de fazer mais fotos. Mas a reportagem, que foi um dia com Nascimento Fernandes, está terminada. Foi isto.

Fernanda Maria



CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE



Academia
Científica
de Beleza

AVEN. DA LIBERDADE, 35
TELEF. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza

Rainha da Hungria

PARA PELES NORMAIS, EMBELEZAM, REJUVENESCEM E ETERNIZAM A MOCIDADE

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTO DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

RAPAZES DE 60 ANOS

FOI há quasi cinquenta anos — em 1895 — que o dr. Ilídio Amado, então terceiranista de Medicina, fundou a Tuna Academica de Lisboa. E o primeiro recital, a favor da «Caixa de Socorros dos Estudantes Pobres», realizava-se em Maio desse ano, com extraordinário êxito. O seu estandarte, lordingado por senhoras palacianas sobre modelo de Rafael Bordalo Pinheiro, foi oferecido pela Rainha D. Amélia e custou 500\$00.

Depois disso, sucederam-se os recitais quer em Portugal, quer no estrangeiro. Exhibiu-se em frente de reis e presidentes. Ser «tuno» era honra, nesse tempo, porque o admirável agrupamento musical reunia a elite académica.

Agora, os tunos da «velha guarda» — médicos, advogados, engenheiros, professores, oficiais do Exército e da Armada, jornalistas, etc. — nomearam uma comissão encarregada de fazer ressuscitar a velha Tuna Academica e que é constituída pelo prof. Castro Rodrigues e pelos Drs. Correia de Assis, Manuel Magno e Mário Moutinho e prof. Valentim Lourenço.



A MESINHA DO REI

(Continuação da pág. 28)

senhoras e o tic-tac das varinhas mágicas tecedeiras das confortáveis malhas. Era êle uma vulgaríssima e lusitaníssima mesa. Ali estava, decerto, remontando às origens do hotel-mansão, ou, até, mais velho que êle, igualmente respeitável e hierática, tendo ganho a pedra que a recobria àquela patina verde-esmalte só reconhecível nos grandes monumentos ou nos objectos ligados a uma tradição.

Incapaz de uma interrogação, sem que indiscretas, aguardai, na calma da tarde, o momento que precede o jantar e durante o qual a conversa se estabelece, fora das regras do protocolo, demasiado estreitas para expansões íntimas.

Chegado êsse momento, e depois de dar um centésimo passeio pelo jardim, já dignificado com o meu «smoking», perguntei, mais com a vista do que com palavras:

— ... porquê, esta bizzaria de mesinha em plena sala de repouso, mas, em qualquer caso, sala de visitas...

E «mistress» Lang, sorridente e optimista, na respeitabilidade dos seus setenta anos, respondeu-me:

— Há cincoenta anos, quando era aspirante a bordo do «Royal Soberano», estive aqui o Rei George V. Junto a essa mesinha desceu e tomou algumas frutas. Portanto, a mesinha ai ficou. Eu era, então, muito mais nova. Esta casa, um hotel muito mais pequeno, pois tôda a ala norte é de construção posterior, e a sul desmontável.

Ao tomar a gerência, após a morte do fundador, «mister» Craw, cuidei em que tudo permanecesse. Ai tem, senhor.

Continua, a breve exposição, tôda a estével e ingénua simplicidade da vida nórdica. Entretanto, habituara-me àquella vida sempre igual, sem sobresaltos. Decorreram meses, anos, e, uma tarde, quando estava no centro da cidade, gente azafa-

mada corria e gritava. Uma frase predominava, porém, entre os movimentos inúteis que a nós, meridionais, tão comuns são:

— O hotel de «mistress» Lang está a arder!

Sabia-a em Londres, a fazer a habitual compra de viveres — cousa meditada, em longos serões, com o velho mordomo.

Parti no primeiro carro que consegui agarrar. Mas os socorros tornavam-se inúteis porque as chamas haviam-se apoderado, vorazmente, das velhas madeiras. Tudo aquilo era, agora, uma grande fogueira, visível a muitas milhas de distância, irreconstruível, pois o seguro mal cobria a vigésima parte do edificio, eterno, enorme, e seu conteúdo, objeto e cômodo.

No entanto, o velho mordomo de cabeça prateada, numa expansão rara, abraçou-me e disse-me, meio lacrimoso, meio jubiloso:

— Senhor: Salvou-se o essencial!

E apontava-me o centro do pavilhão, cuja construção, em granito, resistira às chamas e onde se erguia, no meio da sala mobilada em verga, incolme e hierática — a mesinha do rei.

A vegetação selvática e exuberante, recobriu rudo. Mas o pavilhão permaneceu.

ESTA MUDANÇA SURPREENDENTE



EM 7 DIAS APENAS

Fotografias de Mile. D. Bramallo

Parece incrível mas EXPERIMENTE-O PESSOALMENTE!

Numa semana apenas! Milhares de senhoras maravilhadadas, livraram-se das suas rugas — rejuvenesceram muitos anos. Restitua a pele o próprio e precioso elemento natural de mocidade — o Biocel — e a pelear-se-á rapidamente fresca e jovem. O «Biocel» é a descoberta surpreendente do Professor Dr. Stejskal da Universidade de Viena. O creme Tokalon. Cór de Rosa, contém-o presentemente. Aplicado tôdas as noites antes do deitar, alimenta e rejuvenesce a pele durante o sono. De dia empregue o Creme Tokalon, cór branca. Dissolve os pontos negros, aperta os poros dilatados e, em alguns dias, torna branca, macia e aveludada a pele mais escura e mais áspera.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva à Agência Tokalon de Lisboa, 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

Quereis ganhar dinheiro?

ANUNCIAI NO MUNDO GRÁFICO

A melhor revista gráfica portuguesa

Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa

Telefone 25240

composição / Mentholum 8 grs - Methylum Salicylicum 8 grs. / Lanolinum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUÊ
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS
E NEURALGIAS

Dr. BENGUÊ, Farmacêutico de 1.º classe pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em tôdas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em tôdas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou sêco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em tôdas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Limitada

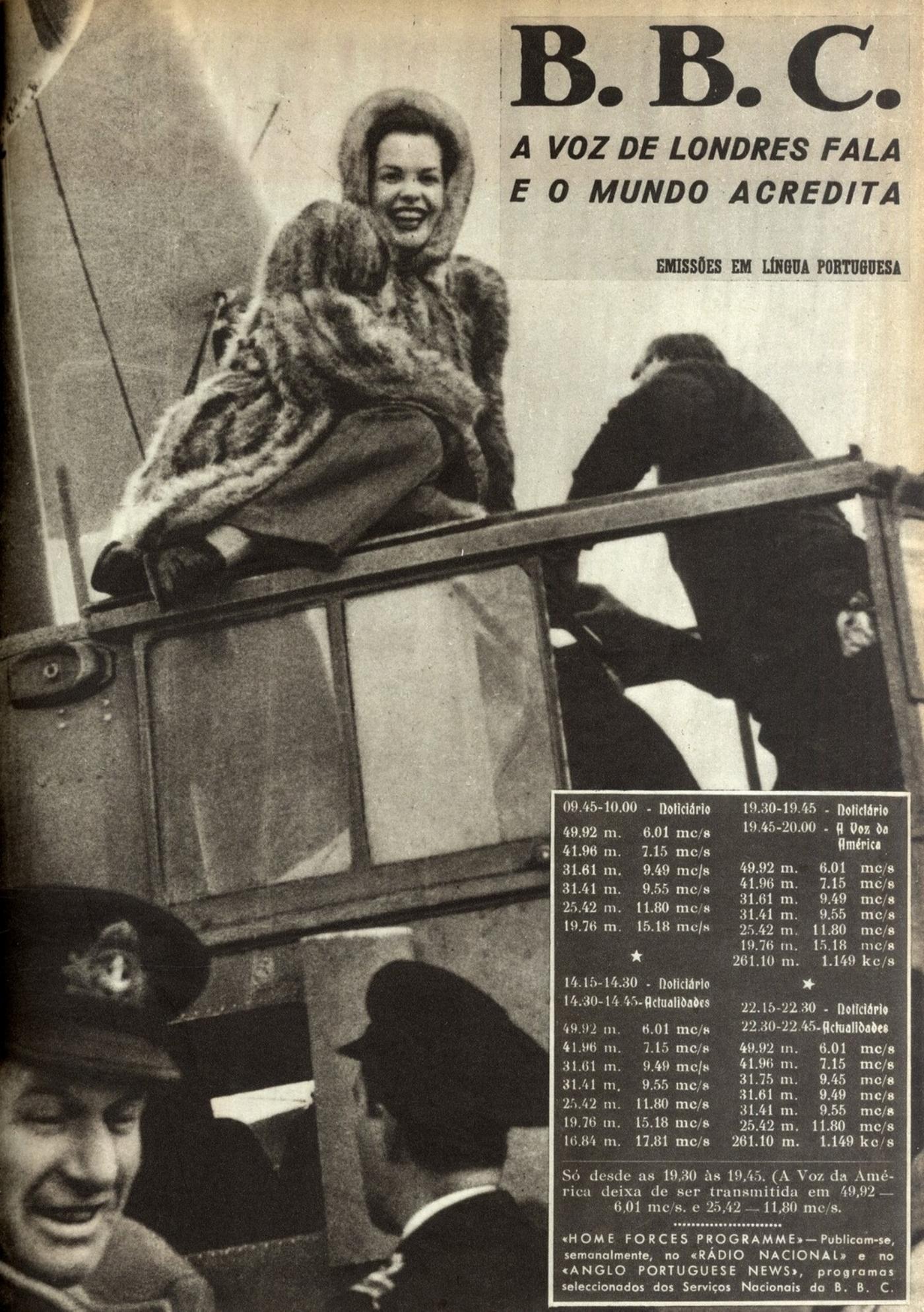
RUA DA PRATA, 237 LISBOA



B. B. C.

**A VOZ DE LONDRES FALA
E O MUNDO ACREDITA**

EMISSÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA



09.45-10.00 - *Dolciário*

49.92 m. 6.01 mc/s

41.96 m. 7.15 mc/s

31.61 m. 9.49 mc/s

31.41 m. 9.55 mc/s

25.42 m. 11.80 mc/s

19.76 m. 15.18 mc/s

★

14.15-14.30 - *Dolciário*

14.30-14.45 - *Actualidades*

49.92 m. 6.01 mc/s

41.96 m. 7.15 mc/s

31.61 m. 9.49 mc/s

31.41 m. 9.55 mc/s

25.42 m. 11.80 mc/s

19.76 m. 15.18 mc/s

16.84 m. 17.81 mc/s

19.30-19.45 - *Dolciário*

19.45-20.00 - *A Voz da América*

49.92 m. 6.01 mc/s

41.96 m. 7.15 mc/s

31.61 m. 9.49 mc/s

31.41 m. 9.55 mc/s

25.42 m. 11.80 mc/s

19.76 m. 15.18 mc/s

261.10 m. 1.149 kc/s

★

22.15-22.30 - *Dolciário*

22.30-22.45 - *Actualidades*

49.92 m. 6.01 mc/s

41.96 m. 7.15 mc/s

31.75 m. 9.45 mc/s

31.61 m. 9.49 mc/s

31.41 m. 9.55 mc/s

25.42 m. 11.80 mc/s

261.10 m. 1.149 kc/s

Só desde as 19,30 às 19,45. (A Voz da América deixa de ser transmitida em 49,92 — 6,01 mc/s. e 25,42 — 11,80 mc/s.)

.....
«HOME FORCES PROGRAMME» — Publicam-se, semanalmente, no «RÁDIO NACIONAL» e no «ANGLO PORTUGUESE NEWS», programas seleccionados dos Serviços Nacionais da B. B. C.

MUNDO GRÁFICO



Os chefes
da gigantesca
operação
militar
que libertará
a Europa
dos nazis